

Revista Cocar

Programa de Pós-Graduação em Educação
da Universidade do Estado do Pará



HELENA ANTIPOFF: CIÊNCIA, COMPROMISSO SOCIAL E SOLIDARIEDADE SEM FRONTEIRAS

HELENA ANTIPOFF: SCIENCE, SOCIAL COMMITMENT AND SOLIDARITY WITHOUT FRONTIERS

Ana Raquel de Oliveira França
Universidade Estadual da Paraíba - UEPB
Luiz Gonzaga Gonçalves
Universidade Federal da Paraíba - UFPB

Resumo

Este artigo tem o objetivo de revisitar as contribuições de Helena Antipoff (1892-1974) para a Educação brasileira. No final dos anos 20, Antipoff chegou ao Brasil contribuindo com conhecimento trazido de grandes centros de pesquisa na época, como França, Suíça e da sua experiência na sua terra natal, a União Soviética. Constatou-se, por meio de pesquisa bibliográfica, a partir dos escritos de H. Antipoff (1975, 1992), Campos (1992, 2001, 2002, 2003, 2010) e de Daniel Antipoff (1975), que a psicóloga, naturalizada brasileira, dedicou toda sua vida para o compromisso com a infância e adolescência brasileira, trazendo contribuições principalmente na área de formação de professores, para o direito da criança e também para a educação rural, deixando um legado teórico e prático na área da educação, psicologia e direitos humanos.

Palavras-chave: Aprendizagem. Psicologia da Educação. Pesquisa.

Abstract

This article has the objective of revisiting the contributions of Helena Antipoff (1892-1974) to the Brazilian Education. At the end of the 1920s, Antipoff came to Brazil contributing with knowledge brought from major research centers at the time, such as France, Switzerland and her experience in her homeland, Soviet Union. It was found, through bibliographic research from the written production of H. Antipoff (1975, 1992), Campos (1992, 2001, 2002, 2003, 2010) and Daniel Antipoff (1975), that this Brazilian naturalized psychologist, dedicated her entire life to the commitment to Brazilian childhood and adolescence, bringing contributions mainly in the area teacher training, child rights and rural education, leaving a theoretical and practical legacy in the areas of education, psychology and human rights.

Keywords: Learning. Psychology of education. Research.

Revista Cocar

Programa de Pós-Graduação em Educação
da Universidade do Estado do Pará



Introdução

O objetivo deste artigo é o de revisitar as relevantes contribuições de Helena Wladimirna Antipoff, especialmente para a Educação brasileira. A pesquisa foi desenvolvida no Mestrado em Educação da Universidade Federal da Paraíba, especificamente na disciplina Educação Brasileira, ministrada pelo professor que participou da construção deste artigo. Sua provocação, ao nos direcionar para a leitura do *Dicionário de Educadores no Brasil, da Colônia aos dias atuais*, de Favero e Britto (2002), tinha o objetivo de questionar a compreensão de que a Educação, ou mesmo a História da Educação, é feita por grandes nomes, notadamente masculinos.

Uma das qualidades mais importantes de Helena Antipoff, como pesquisadora e educadora, foi a de agregar, como protagonistas, em seus projetos, alunas, assistentes de pesquisa e educadoras, assunto que retomaremos mais adiante. Desenvolveu pesquisas, ensinou, orientou pesquisas, publicou trabalhos coletivos e agregou diferentes profissionais. Dialogou e elaborou a educação em um patamar inimaginável, em Minas Gerais e em outros estados brasileiros.

Helena Antipoff muito me fascinou durante a graduação em Psicologia. Assim, encontrei um espaço fecundo não só para conhecê-la um pouco mais, como também para ter a possibilidade de apresentá-la a quem quisesse conhecê-la por meio deste trabalho. Gostaria que os(as) leitores(as), por meio deste artigo, compreendessem aspectos importantes da extraordinária trajetória de vida e de trabalho de uma mulher que esteve à frente do seu tempo, imprescindível para o avanço da Psicologia Educacional, especialmente no Brasil, visto que trouxe benefícios até hoje para a área da aprendizagem, em especial, a de crianças e adolescentes.

Para que este trabalho fosse possível, fiz uma pesquisa bibliográfica, com o objetivo de ampliar meu contato com suas obras a partir da orientação recebida.

Revista Cocar

Programa de Pós-Graduação em Educação
da Universidade do Estado do Pará



Consultei textos impressos, livros, arquivos digitais e documentos que estavam acessíveis e que forneciam dados sobre a autora. Especialmente, duas autoras e um autor contribuíram com a pesquisa: Regina Helena Campos (1992, 2001, 2002, 2003, 2010), Helena Antipoff (1975, 1992) e Daniel Antipoff (1975).

Da cidade de Grodno-Rússia para uma solidariedade universal

Em 1892, nasceu, na longínqua cidade de Grodno (Bielo-Rússia), Helena Wladimirna Antipoff, de origem aristocrática, por parte da mãe, e filha de um oficial do Exército. Viveu a efervescência que precedeu a Revolução Russa. Teve uma formação requintada – aprendeu a falar inglês, alemão e francês e a tocar piano. Em 1909, mudou-se com a família para Paris, quando começou a se interessar pelos assuntos ligados à Psicologia. Sua ida para a França derivou das tensões que ocorriam em seu país de origem. Em Paris, perdeu a oportunidade de manter uma vida confortável a que era habituada. Mudou-se para um apartamento e adaptou-se a essa nova realidade. Naquela cidade, aperfeiçoou os conhecimentos em língua francesa e inglesa com a ajuda de novos amigos.

Um dos destaques importantes em sua trajetória de cientista do comportamento humano foi o tempo em que cursou Medicina na Université de Paris – Sorbonne (França), em 1911. Ali se interessou pelos estudos realizados por Binet (1857-1911), que manteve um laboratório de estudos até a morte. Binet era referência na pesquisa sistemática da investigação psicológica, sobretudo, quando se tratava da Psicometria. Ele e Theodore Simon (1872-1961) foram os responsáveis pela elaboração da primeira escala de inteligência, conhecida mundialmente como Escala Métrica Binet-Simon. Conseguiram medir as diferenças individuais por meio de teste de inteligência (ANTIPOFF, D., 1975). Helena fez o estudo com Simon devido à morte de Binet, em 1911, exatamente no mesmo ano em que ela se matriculou na renomada universidade

Revista Cocar

Programa de Pós-Graduação em Educação
da Universidade do Estado do Pará



francesa. Com Simon, Helena aprofundou seus conhecimentos acerca dos padrões de inteligência, fundamentais para iniciar seus estudos a respeito da aprendizagem humana, que serviriam, anos depois, para construir sua peculiar formação de psicóloga e pedagoga.

Na Universidade de Genebra, conheceu Édouard Claparède, renomado neurologista e psicólogo suíço, e, depois de terminar sua atuação como estagiária na Sociedade para o Estudo da Criança, organizada por Binet, incorporou-se ao Instituto Jean-Jacques Rousseau, orientado por Claparède, na Suíça. Embora seus estudos iniciais fossem na área de Medicina, logo percebeu certa inclinação para a Sociologia e as Ciências Humanas, em detrimento da Anatomia e da Fisiologia. Na Suíça, esses estudos foram imprescindíveis para que pudesse compreender a Psicologia Infantil. Ali ficou de 1912 a 1916, quando participou do desenvolvimento da proposta da “Escola sob medida” (CAMPOS, 2003), com o intuito de proporcionar uma atenção especial às diferenças individuais (CLAPARÈDE, 1920).

Com todo esse legado, Antipoff conseguiu levar consigo os ensinamentos e as práticas que vivenciou em seu país de origem, com o trabalho voltado para crianças vítimas da guerra, no qual era responsável pelo planejamento de atividades, pela reeducação e pelo exame psicológico (ANTIPOFF, D., 1975). Depois dos trabalhos na Suíça, voltou para a Rússia, onde ficou de 1916 a 1921, resolvendo problemas familiares em plena Revolução de Outubro de 1917. Nesse período, atendeu, como psicóloga-observadora, em Estações Médico-pedagógicas, em São Petersburgo. Teve oportunidade de entrar em contato com uma realidade de centenas de crianças abandonadas, durante os anos da grande fome, entre 1921 e 1923 (CAMPOS, 2003). Como psicóloga-observadora, dedicou-se novamente a estudar a aprendizagem das crianças. Durante a revolução, indagou se não haveria fatores hereditários que contribuíssem para o desempenho das crianças em termos intelectuais. Logo depois de

Revista Cocar

Programa de Pós-Graduação em Educação
da Universidade do Estado do Pará



se indispor com as autoridades russas, ficou exilada em Berlim com o marido, e depois da separação conjugal, em 1925, voltou para a Suíça, onde trabalhou como assistente de Édouard Claparède, no Laboratório de Psicologia da Universidade de Genebra, e passou a exercer a função de professora de Psicologia da Criança na Escola de Ciências da Educação, no Instituto Jean-Jacques Rousseau, onde propagou o interacionismo baseado em sua experiência com crianças vítimas da guerra, que vivenciou em seu país de origem (ANTIPOFF, D., 1975).

Em 1929, com 37 anos de idade, Antipoff aceitou um convite do Governo de Minas Gerais para assumir a disciplina Psicologia Educacional e dirigir o Laboratório de Psicologia na Escola de Aperfeiçoamento de Professores de Belo Horizonte. Apesar de estar muito satisfeita com o espaço conquistado na Suíça, ela soube que, no Brasil, grande parte do Magistério era formada por mulheres, oriundas de escolas normais, com uma prática muito mais ligada ao autodidatismo. A Psicologia era uma ciência que poderia ser aplicada no Brasil, levando-se em consideração alguns estudos sociológicos, que ela não demorou a fazer logo quando chegou ao Brasil.

Embora fosse uma cientista com um futuro garantido, porque teve acesso aos melhores campos de estudo (Paris, Suíça), optou pelo Brasil e trabalhou incansavelmente para formar professores(as) para atuarem em escolas normais da época e, depois, na Universidade Federal de Minas Gerais. Conseguiu unir teoria e prática e foi além, quando pensou nas leis que poderiam contribuir para a inclusão social, especialmente as ligadas à educação. Fez relação entre Psicologia, Educação, Direitos Humanos e Políticas Públicas, o que podemos considerar um passo muito avançado para a época.

Antes de viajar para o Brasil, deixou o único filho aos cuidados de Marguerite Soubeyran, que pretendia abrir uma escola em regime de internato, depois de concluir o curso no Instituto Jean-Jacques Rousseau (CAMPOS, 2010). Enfrentou uma viagem de

Revista Cocar

Programa de Pós-Graduação em Educação
da Universidade do Estado do Pará



14 dias até o porto de Santos e cruzou fronteiras sem saber ao certo o que iria encontrar. Aproveitou o tempo da viagem para aprender português – sua meta era de aprender, pelo menos, 300 palavras até chegar ao Brasil (ANTIPOFF, D., 1975).

Os primeiros contatos com brasileiros e brasileiras foram feitos em francês, língua utilizada por intelectuais que estudavam na Europa e voltavam para o Brasil. De São Paulo, Helena Antipoff viajou para Belo Horizonte, onde iniciou seu trabalho como psicóloga e pedagoga. É interessante constatar a importância do estado de Minas Gerais para o avanço da Psicologia Educacional no Brasil, além de ter sido o primeiro Estado da Federação a organizar uma escola destinada a preparar futuros dirigentes educacionais.

Suas primeiras aulas foram dadas em francês, semanalmente. Depois de uma longa jornada de trabalho, escrevia para o filho e fazia comentários sobre sua nova vida e as impressões que tinha sobre o Brasil. Helena Antipoff ficou maravilhada com a inteligência viva dos brasileiros e revelou isso ao filho. Em pouco tempo, a fama da Escola de Aperfeiçoamento Pedagógico tomou a capital e o interior do Estado, o que aumentou a procura por ela e as matrículas.

De um projeto de dois anos para toda uma vida de dedicação e de conquistas

A primeira indagação que me veio à mente, a partir deste estudo, foi: o que faz com que pessoas, como Helena Antipoff, estejam à frente do seu tempo, cruzando não só as fronteiras geográficas, como também as do conhecimento científico e pedagógico?

Outra indagação foi inevitável: o que faz uma psicóloga, formada nos espaços mais renomados da pesquisa educacional da Europa, transformar um projeto previsto para pouco tempo no Brasil em um projeto para uma vida toda? Ela mesma deixou algumas pistas. A primeira foi que “é necessário agir de tal maneira que a finalidade da ação nunca seja em proveito de nós mesmos, e sim, agir tendo em vista outras plagas e

Revista Cocar

Programa de Pós-Graduação em Educação
da Universidade do Estado do Pará



outras vidas. Assim, movidos pela ideia do próximo, deixamos de pensar em nós mesmos” (ANTIPOFF, D., 1975, p. 172). Definitivamente, essas não eram afirmações retóricas!

A segunda pista era sobre a importância e a urgência de contribuir com a prosperidade de um país imenso: “Existem 70 milhões de brasileiros; há, no máximo, um gênio histórico no momento presente e a maior probabilidade é de que ele esteja lá nas selvas. E existem, provavelmente, não mais de sete inteligências geniais, talvez parte delas também nas selvas e nos sertões”. Ela entendeu perfeitamente que o efeito multiplicador de seu trabalho, nesse imenso país aberto ao novo, era irrecusável: “pode ser que existam 70 gênios com QI 160 ou mais e, provavelmente, desses, poucos nas cidades. Em seguida, vêm os superdotados, cujo QI é de 140 a 160 e, desses, conheci alguns, porque existem aos milhares” (ANTIPOFF, D., 1975, p. 185).

Seu compromisso de trabalho a serviço do Governo do estado de Minas Gerais seria de dois anos, como previa a Reforma do Ensino do Estado, de 1927 e 1928. Cabia a ela, a partir de agosto de 1929, assumir as aulas de Psicologia na Escola de Aperfeiçoamento de Belo Horizonte e iniciar a organização do Laboratório de Psicologia Experimental, vinculado à instituição. Suas alunas eram normalistas que já tinham experiência em escolas primárias em todo o estado de Minas Gerais. Foram licenciadas para o curso de aperfeiçoamento de dois anos. Algumas das jovens professoras vieram de outros estados brasileiros. De acordo com o regulamento, as alunas deveriam frequentar a escola em tempo integral e dedicar-se às aulas, aos trabalhos de laboratório e aos estudos pela manhã e à tarde.

O Laboratório de Psicologia ficou importante com Antipoff e tornou-se um centro de pesquisas psicoeducacionais de grande alcance. De acordo com Campos (2010, p. 43), “ela procurou dar ao ensino de Psicologia uma dimensão experimental, isto é, os processos psicológicos estudados deveriam ser testados na prática”. O

Revista Cocar

Programa de Pós-Graduação em Educação
da Universidade do Estado do Pará



programa incluía aulas expositivas, discussões em grupo e exercícios de aplicação. As alunas tinham a tarefa de observar empiricamente os fenômenos psíquicos e psicossociais destacados na teoria e de destacá-los através da prática.

Com a riqueza dos seus escritos e as intuições intelectuais, é possível ver não só uma questão de inteligência ou uma mulher da vanguarda da Psicologia de seu tempo, mas também uma sensibilidade e uma prática inovadora a serviço da educação, da gestão em educação, sobretudo, no que se referia ao trabalho com as professoras e com um olhar diferenciado sobre a infância do seu tempo, com atenção especial à educação rural. Mais do que trazer um conhecimento relevante para a teoria e a prática da Psicologia a serviço da educação, Helena Antipoff indicou caminhos e trouxe recursos da investigação e da pesquisa. Ela entendia que o(a) educador(a) é capaz de gerar novos saberes e conhecimentos a partir de uma valorização da curiosidade investigativa, de interrogar a prática e o contexto social dos(as) alunos(as) e de identificar suas aspirações e necessidades. Sua contribuição foi fundamental para as professoras entenderem que, na docência, há áreas de flutuação, ou seja, no confronto com situações concretas, ganha lugar um saber operante, que não se encontra pronto ou facilmente sistematizado, porquanto aparecem necessidades não recobertas pela ciência quando surgem valores, contextos de vida, relações afetivas, crenças e outros.

A obra de Claparède exerceu uma forte influência no pensamento científico de Helena Antipoff, responsável pela vinda do seu antigo mestre ao Brasil em 1930, quando desembarcou, no Rio de Janeiro, para uma jornada de palestras que incluía uma visita a Belo Horizonte, e foi convidado para desenvolver uma discussão sobre a “Psicologia da criança e a pedagogia experimental”, assunto que lhe rendeu um livro (CAMPOS, 2001).

Com todas essas experiências, Antipoff conseguiu reunir no Brasil, com originalidade, ensinamentos do seu país de origem, vindos, entre outros, das discussões

Revista Cocar

Programa de Pós-Graduação em Educação
da Universidade do Estado do Pará



no campo histórico-cultural, como proposto por Vygotsky, do método de experimentação natural, de Lazurski. Também incorporou o que apreendeu na França, no campo da Psicometria, e depois, na Suíça, com o que apreendeu como assistente de Claparède, especialmente sobre a relevância da atividade do(a) aluno(a), da importância do(a) professor(a) como pesquisador(a) em busca de um ensino personalizado e de uma reinvenção da arte de ensinar no espaço da sala de aula. Algumas perguntas foram incorporadas por ela, a partir de suas buscas: como educar as crianças em conjunto e cada uma delas? Como trabalhar com crianças em uma mesma sala de aula, considerando as diferenças individuais? Essas perguntas foram constantes em sua vida e continuam em evidência na educação do século XXI (CAMPOS, 2003).

A proposta apresentada por Helena Antipoff antecipou as perspectivas do que ficou conhecido no Brasil, a partir da década de 1960, como os caminhos de uma educação popular, em que a educação tem um caráter democrático, investigativo e participativo, portanto, importa valorizar os saberes e a cultura dos(as) educandos(as).

De visitante com agenda delimitada a cidadã brasileira

De acordo com D. Antipoff (1975), seu encontro com a cultura brasileira, graças a sua capacidade de observar, levou-a a não se conformar apenas com a sua carreira de professora. Sensibilizada pela pobreza e pela injustiça social, procurou agregar homens e mulheres – professores(as), médicos(as), advogados(as), engenheiros(as) e outros profissionais da época – para se posicionarem em relação ao que estava acontecendo nas ruas do Brasil, especialmente em Belo Horizonte. A partir de sua experiência em outros países da Europa e como imigrante russa, ficou impressionada com a vida das crianças que trabalhavam na cidade e no campo e propôs a criação de uma sociedade de assistência. O consultório médico-pedagógico para crianças deficientes, instalado pela Sociedade Pestalozzi, em 1934, tornou-se o embrião do futuro Instituto Pestalozzi de

Revista Cocar

Programa de Pós-Graduação em Educação
da Universidade do Estado do Pará



Minas Gerais (CAMPOS, 2003). Durante uma entrevista concedida, revelou:

O instituto contava com um consultório para crianças deficientes e departamentos, classes especiais para educação e tratamento de crianças de deficientes; cursos especiais sobre anormais; pesquisas científicas sobre as causas, formas e tratamento dos anormais; Centro de informações e estatística, relativas aos excepcionais; Redação de revista e publicações. (ANTIPOFF, D., 1975, p. 130-131).

Durante esse período, defendeu o termo “excepcional” para se referir ao infradotado, por acreditar que esse termo atenuaria o preconceito, porquanto, naquela época, era costume denominá-lo de “retardado”, “anormal”, “imbecil”, “idiota” e “criança com deficiência”. Por meio de sua atuação na Escola de Aperfeiçoamento, conseguiu ser uma referência na área de Educação, em Minas Gerais, foi reconhecida pela competência produtiva na área literária de pesquisas psicopedagógicas, escreveu também com um grupo de mulheres pesquisadoras, como Maria Angélica de Castro, Maria Luíza de Almeida Cunha Ferreira, Zilda Assunção, Amélia Carlota Matta, Irene Lustrosa, entre outras.

Maria Angélica de Castro, por exemplo, assim como Helena Antipoff, sua professora e orientadora de pesquisa, “aceitou o convite do governador José Guiomard dos Santos para assumir o Departamento de Educação e Cultura do Acre Território Federal, em 1946. Permaneceu no Território até 1951” (CASTRO, 2011, p. 14). Naquele período, orientou e concretizou reformas na educação territorial. As propostas pautavam-se na ideia de renovar a educação, em consonância com a legislação nacional e com o que Castro acumulou na Escola de Aperfeiçoamento de Minas Gerais, sobretudo como aluna e auxiliar de pesquisa e de prática educacional no Laboratório de Psicologia, sob a orientação de Antipoff.

Outra parceira de equipe de Antipoff foi Maria Luiza de Almeida Cunha Ferreira, formada em Filosofia pela Faculdade Santa Maria (atual Pontifícia

Revista Cocar

Programa de Pós-Graduação em Educação
da Universidade do Estado do Pará



Universidade Católica de Minas Gerais – PUC-MG). De acordo com Campos (2001), Ferreira atuou ativamente no campo da História da Educação e da Filosofia da Educação, no Curso Normal do Instituto de Educação de Belo Horizonte e no Programa Brasileiro-americano de Assistência ao Ensino Elementar – PABAE. Conseguiu ampliar sua formação nos Estados Unidos, para se aperfeiçoar no campo da Educação e da Psicologia. Foi professora de Psicologia da Educação na Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG) e continuou a lecionar matérias pedagógicas na formação de professores(as) do ensino médio. Nos anos 70, atuou no Conselho Diretor da Fundação Estadual de Educação Rural, com Helena Antipoff, em Minas Gerais (CAMPOS, 2001, p. 153).

Sem querer, Helena Antipoff, como educadora e pesquisadora, envolveu-se em uma polêmica com setores influentes da Igreja Católica, em Belo Horizonte, protagonizada pelo Padre Álvaro Negromonte, vigário da Catedral da Boa Viagem. Sua pesquisa foi, inclusive, citada por Claparède, em 1931, em sua obra *A Educação Funcional*. O tema consistia em comparar os interesses manifestados por alunos(as) brasileiros(as) e crianças europeias. Antipoff alertava que os interesses dependem, em parte, do meio, o que dificultava saber quais eram os verdadeiramente “naturais”, ou seja, correspondentes às demandas de crescimento psicológico em certa idade. Entretanto, essa problematização não foi bem acolhida pela elite da Igreja Católica da capital mineira.

A crítica do Padre Negromonte foi dada a público através de um artigo no jornal católico “O Horizonte”, que questionava a pesquisa da autora, porque fazia notar que o ensino religioso não aparecia entre as matérias preferidas pelas crianças. Isso era mais um agravante para a disputa que atravessava as relações entre a Igreja Católica e os(as) educadores(as) escolanovistas em todo o país. Era como se os resultados da pesquisa questionassem a manutenção do ensino religioso nas escolas públicas, autorizada pelo

Revista Cocar

Programa de Pós-Graduação em Educação
da Universidade do Estado do Pará



governo do Estado, em atenção à reivindicação dos(as) católicos(as).

Antipoff não deu asas à polêmica e manteve elevado o nível do debate que surgia no horizonte. Respondeu objetivamente às críticas, alegando que não se tratava de eliminar o ensino religioso. Para ela, a pesquisa indicava, basicamente, a necessidade de rever conteúdos e métodos, a fim de tornar o ensino religioso mais atraente para as crianças. Duas consequências vieram desse debate: Padre Negromonte levou a sério a observação da pesquisadora, porque não demorou a publicar um catecismo renovado, adaptado às aspirações infantis. Mesmo assim, houve mudanças no regulamento da Escola de Aperfeiçoamento, “que estabeleceu limitações para as pesquisas ali realizadas – que deveriam, a partir daí, ser autorizadas pela direção e ter caráter mais aplicado” (CAMPOS, 2010, p. 47-48).

Naquele período, trazer para o Brasil conceitos inovadores na área da Psicologia da Educação, principalmente quebrar paradigmas inatistas, era sobremaneira importante para o país que, além de passar por mudanças substanciais na área da Educação, conseguia, por meio de Antipoff, a convergência de uma Psicologia que levava em conta não só fatores hereditários, mas, também, uma perspectiva histórico-cultural. Embora tenha feito estudos e pesquisas na Europa e desenvolvido um cabedal de conhecimentos influenciado, em parte, pela Epistemologia Genética, defendida por Piaget, conseguiu perceber a importância fundamental da Psicologia de Vygotsky para compreender a capacidade humana de aprender. Vygotsky entendia que

o desenvolvimento dos processos psicológicos superiores (a inteligência seria um deles) é determinado e transmitido socialmente pela mediação da linguagem e dos instrumentos de transformação do mundo elaborados culturalmente. Isso sugere que a direção da psicologia soviética no período pós-revolucionário influenciou o pensamento da psicóloga russa (CAMPOS, 2010, p. 54).

Campos (1992, p. 4) afirma que Antipoff foi “pioneira na difusão da abordagem

Revista Cocar

Programa de Pós-Graduação em Educação
da Universidade do Estado do Pará



interacionista da formação da inteligência, ao demonstrar, já em 1931, o papel do ambiente sociocultural no desenvolvimento da cognição”. Naquele período, Vygotsky difundia sua teoria na Rússia, país de origem de Antipoff. E defender essa ideia nos anos 30, marcados pela influência dos trabalhos de Binet, de Terman e de outros psicometristas, que defendiam a inteligência como algo herdado geneticamente, era uma vanguarda na Psicologia.

Em decorrência de todo o seu legado, como ponto de partida, elaborou, com sua equipe, um relatório que foi publicado em 1930, com resultados de testes de inteligência aplicados com crianças e adolescentes em idade escolar. Os resultados revelaram não só o que foi aprendido pelas crianças, mas também o nível do ensino das escolas mineiras vigente na época. Pensar na perspectiva da formação de professores(as) da época, partindo de uma pesquisa exploratória, coloca Antipoff em condições mais rápidas de pensar no lugar da Psicologia e da Educação no contexto que acabava de aceitar como desafio. Em sua lógica de atuação, era preciso ouvir as crianças para que uma proposição sua fosse feita. Tinha-se, assim, uma ciência preocupada com o saber do outro, da forma como se manifesta. Os testes não foram aplicados sem que se observasse o comportamento das crianças e dos adolescentes, como era comum na época. Caldas (2005, p. 28) considera que:

não se trata de negar a existência de problemas emocionais, conflitos, dificuldades familiares ou outras questões individuais das crianças. A questão é não estabelecer relação causal linear entre esses fenômenos e a capacidade para aprender. É preciso pensar na rede de agentes produtores da incapacidade.

Antipoff engajou-se na luta em prol dos(as) menores trabalhadores(as). Pensando na infância dos jornaleiros, afirmou:

Parece bem paradoxal que os meninos que vendem jornal, sendo o jornal, segundo a definição das crianças, “papel para ler”, sejam eles próprios

Revista Cocar

Programa de Pós-Graduação em Educação
da Universidade do Estado do Pará



incapazes de decifrar os sinais cabalísticos que são as letras para alguns deles. Veja-se que, entre os vendedores de jornal, 50% infringem a lei escolar, fugindo à obrigação da instrução, entre sete e 14 anos, em plena capital de Minas Gerais. A assistência material e educacional se impõe, como uma medida urgente (ANTIPOFF, D., 1975, p. 134).

Na década de 30, já se notava sua preocupação com o trabalho infanto-juvenil, seis décadas antes de ser criado o Estatuto da Criança e do Adolescente, por meio da Lei nº 8.069/90. E quando Helena Antipoff chegou ao Brasil, o cenário político estava bastante conturbado, pois era o período de transição do governo de Washington Luís (1926-1930) para o de Getúlio Vargas (1930-1945).

Em tempos de ditadura, citava extensivamente Alfred Binet, E. Clararède, Jean Piaget, Lewis Terman, mas não propagava os autores soviéticos. Mesmo assim, aplicava na prática o que estudou de Vygotsky sobre a importância do contexto histórico-cultural na formação da aprendizagem humana. Também usava os conhecimentos de Luria, quando sugeria que as soluções de problemas e as estratégias aplicadas diferem de acordo com a cultura e a escolarização (CAMPOS, 2010). Essa concepção teórica fez com que se preocupasse tanto com a situação de exclusão das crianças urbanas quanto com uma educação voltada para o campo, lugar onde, até os dias de hoje, encontramos grande exclusão educacional, considerando a dimensão territorial do país e o isolamento de parte da população.

Em 1927, foi sancionado o *Código de Menores* (BRASIL, 1970), o chamado “Código Mello Mattos”. O Estado assumiu a responsabilidade legal pela tutela da criança órfã e abandonada, que podia ficar institucionalizada e receber orientação e oportunidade para trabalhar. Foi considerada a primeira regulamentação de proteção à criança e ao adolescente e assim foi constituído o Juizado de Menores. Até o ano de 1935, crianças e adolescentes, denominados de menores abandonados e infratores, eram apreendidos nas ruas e colocados em abrigos para triagem. É interessante registrar que o

Revista Cocar

Programa de Pós-Graduação em Educação
da Universidade do Estado do Pará



código recebeu esse nome em homenagem ao primeiro Juiz da Infância e da Juventude do Brasil, Dr. José Cândido de Albuquerque Mello Mattos, nomeado em 1924, que deu início à luta pelos direitos da criança (PAES, 2013).

Antipoff acompanhou as mudanças que aconteciam no país, especialmente as que se referiam à situação da infância, fazendo com que seu trabalho acompanhasse o avanço das políticas para a infância e a adolescência brasileira. Sua luta pela infância não foi apenas no âmbito da pesquisa e do ensino na Psicologia Educacional, que favoreceu gerações inteiras, mas também esteve presente na Sociedade Pestalozzi, no Movimento Escoteiro de Minas Gerais e na Casa do Pequeno Jornaleiro. Colaborou com o Abrigo de Menores, com outros asilos da cidade e com a Fundação do Bem-estar do Menor (FEBEM). Apostou na inteligência viva dos brasileiros e das brasileiras, no sentido de encontrar saídas para as situações difíceis e para enfrentar os problemas que atingiam os mais desfavorecidos socialmente.

Liderou extensa obra educativa na Fazenda do Rosário (Ibirité-MG) e “iniciou a construção do complexo, em 1939, pensada para o trabalho com educação especial, educação rural, criatividade e superdotação” (CAMPOS, 2003, p. 222). Foi marca do seu trabalho a preocupação com a educação rural. Incentivou uma prática educativa baseada na cooperação, como algo superior à competição, o que transformou a Fazenda Escola Rosário em um campo experimental na formação de professores(as). Ideias assim mostram o quanto Antipoff estava à frente do seu tempo e sua capacidade de agregar pessoas em torno de projetos educativos de grande impacto não apenas em Minas Gerais.

Diferentemente da tradição luso-portuguesa, Antipoff afirmou entre nós o apreço ao trabalho manual como parte da formação do ser humano. Sobre a rotina de atividades da Fazenda Rosário, em Ibirité, esclarece: “sem empregados, exceto a cozinheira, todos os trabalhos domésticos de horta, jardim e de criação de animais e outros se fazia

Revista Cocar

Programa de Pós-Graduação em Educação
da Universidade do Estado do Pará



exclusivamente pelos meninos”. Ali se obedecia a uma distribuição semanal de tarefas demarcadas num quadro exposto na única sala que servia de refeitório, de sala de aula, de capela e de salão de jogos e de estudos todas as noites: “os meninos, no horário previsto, se distribuíaam pelas tarefas individualmente, ou em grupos, para cumprir com suas obrigações” (ANTIPOFF; BARBOSA, 1992, p. 129).

Antipoff também combatia radicalmente o modelo de sala de aula convencional e sem atrativos: “Ainda mais triste do que ver meninos sem escolas é vê-los imóveis, em carteiras enfileiradas, em escolas sem ar, perdendo tempo em exercícios estéreis e sem valor para a formação do homem” (ANTIPOFF, 1992, p. 403). Ela contribuiu com uma proposta que consistia em adotar no Brasil a experiência de uma escola que fosse capaz de irradiar em torno de si a civilização. “Temos que agir pelo exemplo e melhorar a vida que nos rodeia” (ANTIPOFF, D., 1975, p. 179).

Antipoff morou, brevemente, no Rio de Janeiro, no início dos anos 40. Depois que seu contrato foi interrompido pelo Governo de Minas Gerais, “foi pesquisadora do Ministério da Saúde, no Departamento Nacional da Criança, e colaborou para a criação da Sociedade Pestalozzi do Brasil” (CAMPOS, 2003, p. 222). Em 1967, criou uma Federação Nacional e integrou as Associações Pestalozzi (FENAPESTALOZZI) existentes no Brasil, que atuavam isoladamente nos serviços e nas ações de defesa e de garantia de direitos às pessoas portadoras de deficiências e com altas habilidades/superdotação, na perspectiva da inclusão.

Em 1943, Helena Antipoff começou a fazer pesquisas sobre o teste psicológico denominado de *Teste MM*, elaborado por ela e uma equipe. Foi considerado “útil tanto para o diagnóstico psicológico como do ponto de vista da exploração de conflitos e os distúrbios da personalidade” (ANTIPOFF, D., 1975, p. 177). Constava de uma redação com o título “As minhas mãos”. A partir daí, era possível fazer um estudo de quatro categorias: conformidade, pré-margem, freagem e transgressão. Fazia-se uma análise

Revista Cocar

Programa de Pós-Graduação em Educação
da Universidade do Estado do Pará



quantitativa, com base no tempo gasto na redação, na produção total e no índice de fluência (ANTIPOFF, D., 1975). Essa pesquisa foi realizada nos anos 1973/1974 e apresenta um relatório minucioso, publicado em 1975, em que consta que o filho Daniel e a nora Otília trabalharam como assistentes dessa pesquisa.

O estudo iniciado na década de 40 é considerado uma pesquisa longitudinal. Preocupada com a técnica do psicodiagnóstico, o *Teste MM* começou a ser idealizado a partir de resultados de um estudo iniciado no Laboratório de Psicologia da Antiga Escola de Aperfeiçoamento Pedagógico. Mais tarde, no “Laboratório de Pesquisas Biopsíquicas Édouard Claparède, da Fundação Rural Estadual Helena Antipoff, e da Fazenda Rosário” (ANTIPOFF, H., 1975, p.7). Foram aplicadas redações e avaliadas por meio de escalas graduadas com base em quatro aspectos relevantes: o da escrita; o da utilização do espaço do papel; o da organização geral da composição (redação) e o do emprego das funções: perceptiva, mnésica, imaginativa, interpretativa, afetiva e lógica, entre outras.

O *Teste MM* era considerado complexo para se analisar e só grandes especialistas podiam aplicá-lo. Antipoff levava em conta o valor da redação escolar, para que se pudesse acompanhar a “evolução da juventude”. O teste considerava o que era possível, em termos de cultura local, e houve uma amostra que variava de 06 a 65 anos de idade, com predominância do sexo feminino, estado civil variado (considerando a época) e níveis de escolaridade que variavam do pré-primário até o curso superior. As pessoas que participaram na época atuavam em diversas profissões. Eram profissionais liberais, técnicos, profissionais de nível primário, ocupações manuais, especializadas ou não, além de cargos de supervisão, entre outros. A pesquisa em torno desse teste teve início em 1943 e se estendeu até 1972, mas a maioria dos testes foi aplicada entre 1950 e 1970 (ANTIPOFF, H., 1975).

Em 1951, depois de conseguir a cidadania brasileira, reassumiu sua função de

Revista Cocar

Programa de Pós-Graduação em Educação
da Universidade do Estado do Pará



professora de Psicologia Educacional, na Faculdade de Filosofia da Universidade Federal de Minas Gerais, e continuou a formação de pessoal qualificado na área de Psicologia voltada para a Educação. Dentre as várias condecorações recebidas até o final da vida, a última foi o Prêmio Henning Albert Boilesen (1973), por seus serviços prestados à educação. Morreu em 1974, na cidade de Ibitité, aos 82 anos de idade.

A família de Helena Antipoff também contribuiu com o legado deixado na área de Psicologia. Seu filho Daniel, embora tenha atuado, inicialmente, como engenheiro agrônomo, no final dos anos 30, enveredou pelo campo da Filosofia e, em 1956, participou de um Curso de Psicologia Experimental no Instituto Superior de Educação Rural – ISER. Trabalhou na área de Psicologia no atendimento terapêutico, exames psicológicos e psicotécnicos, e nos anos 70, especializou-se em Educação de Crianças Excepcionais, com área de concentração em Educação dos Superdotados. Nos anos 80, atuou na conservação da memória de sua mãe e criou o Centro de Documentação e Pesquisa Helena Antipoff – CDPHA (CAMPOS, 2001).

Otília Braga Antipoff, esposa de Daniel, mineira, atuou como professora de Psicologia na Escola Normal Oficial de Patos de Minas, no consultório médico-pedagógico do Instituto Pestalozzi. Fez, com seu marido, o Curso de Psicologia Experimental, no Instituto Superior de Educação Rural – ISER; graduou-se em Psicologia e concluiu o curso na Universidade de São Paulo – USP; logo depois, atuou na área clínica, em orientação psicopedagógica das classes especiais e como professora de Psicologia, dando continuidade às obras iniciadas por Antipoff na Fazenda do Rosário. O legado da família Antipoff continua sendo divulgado pela bisneta de Antipoff, Cecília Andrade Antipoff, que estuda superdotados e continuou os estudos iniciados pela bisavó nas áreas de Educação e de Psicologia (CAMPOS, 2001).

Revista Cocar

Programa de Pós-Graduação em Educação
da Universidade do Estado do Pará



Considerações finais

Mas, o que fez com que Helena Antipoff fosse uma mulher à frente de seu tempo?

Considerando tudo o que foi abordado sobre sua vida e sua obra, entendemos o quanto ela foi responsável por mudar a ótica na formação de professores(as), que passaram a perceber que existe uma heterogeneidade de saberes na ação educativa. Foi uma estudiosa que concentrou suas pesquisas tanto em crianças infradotadas quanto superdotadas, não apenas para que fossem reconhecidas no espaço educacional, mas também para que os(as) professore(as) aprendessem a lidar com elas. Assim, ao unir prática e teoria, conseguiu trazer para o contexto brasileiro o que foi aprendido e vivenciado na Europa e na Rússia (atual Bielorrússia).

Podemos afirmar que ela concentrou suas pesquisas e aproveitou sua prática pioneira no Brasil para pensar concretamente na educação da criança e do adolescente brasileiros, sobretudo devido à sensibilidade voltada para a problemática da exclusão social, quando chamou atenção em relação às jornadas de trabalho das crianças que vendiam jornais e das que viviam abandonadas nas ruas.

Escreveu artigos e livros, de 1924 até 1973, quase cinquenta anos de produção sobre os mais variados temas, como: exames psicológicos da criança (1924); experimentação natural – método Lazoursky (1924); trabalho e vocação, escolalogia (1930); ortopedia mental; personalidade da criança dos asilos (1935); atitudes democráticas na escola (1944); ensino rural (1949); retardos mentais e seus tipos (1953) e teste de redação (1961). Escrevia em várias línguas, mas predominavam o francês, o português e o russo, o que significa que era uma mulher à frente do seu tempo. Participou de relevantes produções científicas, especialmente na Europa, com Édouard Claparède, pois a distância geográfica não era uma barreira, e ela continuava atualizada em relação às produções bibliográficas e às pesquisas vindas de todo o mundo.

Revista Cocar

Programa de Pós-Graduação em Educação
da Universidade do Estado do Pará



A capacidade de pensar em parcerias e congregar esforços para beneficiar a educação brasileira e a situação da infância está conectada com o que afirma Morin (1999, p. 135-136): que a ciência nunca teria sido ciência se não tivesse sido transdisciplinar. Antipoff tinha como característica o trabalho em equipe e, provavelmente, isso foi responsável pela magnitude de sua obra, já que conseguia encontrar pessoas para dialogar em prol de uma coletividade. A articulação de diversos saberes e serviços é uma exigência dos novos tempos e de quem não mais aceita a fragmentação dos saberes que domina a nossa cultura (GUARÁ, 2003).

Consta, em um dos registros de seu filho que, ainda no hospital, ao se referir a mais uma obra que estava sendo fundada – a Associação Milton Campos de Desenvolvimento e Assistência às Vocações dos Bem-Dotados (ADAV) – ela afirmou: “Tenho vergonha de partir antes de terminar o meu trabalho” (ANTIPOFF, D., 1975, p. 191). Acreditamos que a vida e a obra de Helena Antipoff podem inspirar muitos brasileiros e brasileiras a pensarem sobre seu papel transformador dentro e fora dos muros da escola.

Algumas perguntas cultivadas pela educadora russa foram geradas a partir de sua prática: como educar as crianças em conjunto? Como trabalhar com crianças em uma mesma sala de aula, considerando as diferenças individuais? Essas perguntas foram constantes em sua vida e ainda permeiam as questões relativas à educação do século XXI (CAMPOS, 2003). O que mais chamava atenção nessa educadora era sua capacidade de perceber o “outro” como ser aprendente.

Entendemos, pois, que uma qualidade essencial para ser educador(a), no século XXI, é a prática de relações de alteridade, princípio de sua ação educativa, tão debatida pelos educadores e pelas educadoras e tão presente na vida e na obra de Helena Antipoff.

Revista Cocar

Programa de Pós-Graduação em Educação
da Universidade do Estado do Pará



Referências

ANTIPOFF, Daniel. **Helena Antipoff**: sua vida, sua obra. Rio de Janeiro, José Olympio, 1975.

ANTIPOFF, Helena. **A educação do bem-dotado**. Rio de Janeiro: SENAI/DPEA, 1992, v. 5. (Coletânea das obras completas escritas de Helena Antipoff).

_____. **Teste minhas mãos-MM**. Rio de Janeiro: CEPA, 1975.

ANTIPOFF, Helena; BARBOSA, Yolanda. Material para Estudo da Experimentação Natural no trabalho – década de 1940: Escola Rural D. Silvério – Outubro de 1943 – Como Método de Experimentação. In: CDPH (Org.). **Coletânea de obras escritas de Helena Antipoff** – Educação do Excepcional. Belo Horizonte: Imprensa Oficial de Minas, 1943-1992. 3v.

BRASIL. Código penal. **Código de Menores**, Decreto nº17 943-A de 12 de outubro de 1927. São Paulo: Saraiva, 1970.

CALDAS, Roseli Fernandes Lins. Fracasso escolar: reflexões sobre uma história antiga, mas atual. **Psicologia: teoria e prática**, São Paulo, vol.7, nº. 1, jun, 2005, p.21-33.

CAMPOS, Regina Helena de Freitas. Helena Antipoff: da orientação sociocultural em Psicologia e uma concepção democrática de Educação. **Revista Psicologia Ciência e Profissão**, nº 1, 1992, p. 4-13.

_____. (Org). **Dicionário biográfico da psicologia no Brasil**. Rio de Janeiro: Imago Ed.; Brasília, CFP, 2001.

_____. Helena Antipoff: razão e sensibilidade na Psicologia e na Educação. **Estudos avançados**, [S.l.], v. 17, n. 49, dez. 2003, p. 209-231.

_____. **Helena Antipoff**. Recife: Fundação Joaquim Nabuco, Editora Massangana, 2010.

_____. Helena Antipoff. In: FÁVERO, Maria de Lourdes A.; BRITTO, J. (orgs.) **Dicionário de educadores no Brasil**: da colônia aos dias atuais. Rio de Janeiro: Editora UFRJ & MEC/INEP/COMPED, 2002.

CASTRO, Cleyde Oliveira de. **Gestão Maria Angélica de Castro**: apropriação das

Revista Cocar

Programa de Pós-Graduação em Educação
da Universidade do Estado do Pará



ideias sobre a escola nova no Território Federal do Acre (1946/1951). Tese (Doutorado em Educação). Faculdade de Educação, UFMG, 2011.

CLAPARÈDE, Édouard. **L'école sur mesure**. Lausanne, Payot, 1920.

FÁVERO, Maria de Lourdes de Albuquerque; BRITTO, Jader de Medeiros (orgs.). **Dicionário de Educadores no Brasil: da Colônia aos dias atuais**. Rio de Janeiro: Editora UFRJ & MEC/INEP/COMPED, 2002.

FEDERAÇÃO NACIONAL DA ASSOCIAÇÃO PESTALOZZI. Disponível em: <<http://www.fenapestalozzi.org.br/>> Acesso em: 15 ago. 2017.

GUARÁ, Isa Maria. Educação, Proteção Social e muitos Espaços para Aprender. In: CENPEC (Org.). **Muitos lugares para aprender**. São Paulo: CENPEC; Fundação Itaú Social; Unicef, 2003.

MORIN, Edgar. **Ciência com consciência**. 3. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1999.

PAES, Janiere Portela Leite. **O Código de Menores e o Estatuto da Criança e do Adolescente: avanços e retrocessos**, 2013. Disponível: <<http://www.egov.ufsc.br/portal/conteudo/o-c%C3%B3digo-de-menores-e-o-estatuto-da-crian%C3%A7a-e-do-adolescente-avan%C3%A7os-e-retrocessos>>. Acesso em: 10 ago. de 2017.

Sobre a autoria

Ana Raquel de Oliveira França

Professora da Universidade Estadual da Paraíba (UEPB) – Campus III; nas área de Psicologia do Desenvolvimento e da Aprendizagem e Psicologia da Educação; Mestra em Educação na linha de pesquisa de ‘Processos de Ensino-aprendizagem’, pela Universidade Federal da Paraíba – UFPB (2016); estuda jogo e cognição, processos de ensino-aprendizagem; especialista em Psicopedagogia pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo – PUC (2000) e Psicologia Educacional pela Universidade Federal da Paraíba – UFPB (2002), com licenciatura e graduação em Psicologia pelos Institutos Paraibanos de Educação (1989 e 1990). E-mail: a.raquelf@uol.com.br

Revista Cocar

Programa de Pós-Graduação em Educação
da Universidade do Estado do Pará



Luiz Gonzaga Gonçalves

Professor associado da Universidade Federal da Paraíba (UFPB) nas disciplinas Filosofia da Educação, Epistemologia da Educação e Fundamentos Antropofilosóficos da Educação; atua na Pós-graduação em Educação, no campo da educação popular, da educação de jovens e adultos, dos saberes populares e da aprendizagem para além do espaço escolar; é pós-doutor em Educação pela UNISINOS; mestre em Educação pela Universidade Federal da Paraíba (1995); doutor em Educação pela Universidade Metodista de Piracicaba (2003) e graduado em Filosofia e em Pedagogia pela UNISAL, Unidade do Vale do Paraíba (1977). E-mail: luggoncalves@uol.com.br

Recebido em: 25/02/2018

Aceito para publicação em: 20/03/2018